



REVISTA
Casa da

ISSN 2316-8056

GEOGRAFIA
de Sobral

O MURAL DA GLOBALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA BASEADA EM MILTON SANTOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

The globalization mural: a proposal based on Milton Santos for teaching geography

El mural de la globalización: una propuesta basada en Milton Santos para la enseñanza de la geografía

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v27.1085>

Italo Ramon Sales Silva¹

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda²

Histórico do Artigo:

Recebido em 05 de janeiro de 2024

Aceito em 01 de fevereiro de 2025

Publicado em 07 de março de 2025

RESUMO

A globalização, fenômeno que, para alguns teóricos, teve início no período mercantilista, ganhou novos elementos a partir da segunda metade do século XX, com a consolidação da evolução dos meios comunicacionais e dos transportes. Esses avanços proporcionaram a aproximação de lugares territorialmente distantes e as trocas culturais, econômicas sociais e um maior fluxo de pessoas e mercadorias ao redor do planeta. Nesse contexto, a educação e o ensino de Geografia foram igualmente afetados, e a este último coube o papel de deflagrar a globalização e o mundo contemporâneo em suas diferentes facetas. Para tanto, este trabalho propõe a ideia de contra racionalidade, com o intuito de suscitar novas contribuições ao ensino de Geografia e às metodologias ativas, que passaram a pautar as ações educacionais com maior pujança na atualidade. Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma metodologia para o ensino de Geografia que busca discutir a globalização sob a visão do Professor Milton Santos, por meio dos conceitos de fábula, perversidade e possibilidade, discutidos pelo autor no livro "Por uma outra globalização". A proposta consiste na construção, em sala de aula, de um mural de notícias que represente essas facetas da globalização, com o intuito de construir uma proposta contra racional para o ensino de Geografia. Para tanto, recorreu-se ao levantamento de notícias que abordassem os assuntos pretendidos, à impressão dessas notícias e à construção do mural com as turmas de 3º ano da EEM Júlia Catunda na cidade de Santa Quitéria-CE durante os anos de 2022, 2023 e 2024. No que concerne ao artigo de maneira mais estrita, a primeira etapa consistiu em levantamento bibliográfico em artigos científicos e livros para construção do referencial teórico e dos registros fotográficos das aulas, para dar suporte documental à tessitura deste texto.

Palavras-Chave: Globalização; Contra racionalidade; Ensino de Geografia.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Professor Temporário da rede Estadual de Educação do Ceará (SEDUC-CE). Email: italoramongeo@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0009-9288-079X>

² Professora associada dos Cursos de Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROP GEO) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Email: virginia_holanda@uvanet.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6070-7292>

ABSTRACT

Globalization, a phenomenon that, according to some theorists, began during the mercantilist period, acquired new elements starting in the second half of the 20th century with the consolidation of advances in communication and transportation. These developments led to the proximity of geographically distant places, cultural, economic, and social exchanges, and an increased flow of people and goods around the world. In this context, education and the teaching of Geography were equally affected, with the latter taking on the role of revealing globalization and the contemporary world in its different facets. This paper proposes the concept of counter-rationality to inspire new contributions to the teaching of Geography and active methodologies, which have become increasingly influential in educational practices today. In this sense, the aim of this article is to present a methodology for teaching Geography that seeks to discuss globalization through the perspective of Professor Milton Santos, using the concepts of fable, perversity, and possibility, as discussed by the author in his book *Por uma outra globalização* ("For Another Globalization"). The proposed approach involves constructing a classroom news bulletin board that represents these facets of globalization, with the goal of developing a counter-rational proposal for Geography education. To achieve this, news articles addressing the intended topics were gathered, printed, and used to create the bulletin board with the 3rd-year students of EEM Júlia Catunda in the city of Santa Quitéria-CE during the years 2022, 2023, and 2024. As for the article itself, the first stage involved a literature review of scientific papers and books to build the theoretical framework and the photographic records of the lessons, providing documentary support for the development of this text.

Keywords: Globalization, Counter-rationality, Geography Teaching.

RESUMEN

La globalización, un fenómeno que algunos teóricos creen que comenzó en el período mercantilista, ganó nuevos elementos a partir de la segunda mitad del siglo XX con la consolidación de la evolución de los medios de comunicación y transporte, lo que permitió la aproximación de lugares geográficamente distantes y los intercambios culturales, económicos, sociales y un mayor flujo de personas y bienes alrededor del planeta. Sin embargo, la educación y la enseñanza de la geografía fueron igualmente afectadas, y esta última se encargó de desencadenar la globalización y el mundo contemporáneo en sus diferentes facetas. Para ello, este estudio plantea la idea de la contra-racionalidad para proporcionar nuevas contribuciones a la enseñanza de la geografía y las metodologías activas que han venido a guiar las acciones educativas con mayor fuerza en el mundo actual. En este sentido, el objetivo de este artículo es presentar una metodología para la enseñanza de la geografía que busca discutir la globalización desde la perspectiva del profesor Milton Santos, utilizando los conceptos de fábula, perversidad y posibilidad, discutidos por el autor en el libro "Por una otra globalización" para abordar la globalización contemporánea, basada en la construcción de un mural de noticias en el aula que represente estas facetas en un intento de construir una propuesta contra-racional para la enseñanza de la geografía. Para ello, se realizó una encuesta de artículos de noticias que abordaban los temas deseados, y los artículos se imprimieron y utilizaron para construir el mural con estudiantes de 3er año de la EEM Júlia Catunda en Santa Quitéria-CE durante los años 2022, 2023 y 2024. En cuanto al artículo en un sentido más estricto, la primera etapa consistió en una encuesta bibliográfica de artículos científicos y libros para construir el marco teórico y los registros fotográficos de las clases para proporcionar apoyo documental al texto.

Palabras clave: Globalización, Contra-racionalidad, Enseñanza de la Geografía.

INTRODUÇÃO

A globalização, tal como a conhecemos hoje, trouxe profundas e significativas modificações para a vida nos âmbitos do laboral, social, cultural e escolar. As mudanças decorrentes desse fenômeno impactaram consideravelmente o ensino, sobretudo na educação básica e, de maneira especial, o ensino de Geografia, pois introduziram novas ferramentas pedagógicas que puderam ser incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem.

De igual modo, ao sofrer e provocar mudanças constantes, a globalização adquiriu novas perspectivas de abordagem na educação básica, seja pelo método tradicional, com o papel e a caneta, seja pela incorporação de novas tecnologias ao processo de ensino, que culminaram no estudante como o cerne da aprendizagem sob a nomenclatura que denominamos hoje de “metodologias ativas”.

Santos (2020, p. 17) inicia o livro *Por uma outra Globalização* com uma célebre frase: “Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”. Essa definição sintetiza perfeitamente os efeitos da globalização: em alguns lugares, ela escamoteia desigualdades; em outros, as evidencia. Além disso, possui a capacidade de transformar aspectos positivos em negativos por meio do poder da mídia, proporcionando tanto o acesso instantâneo à informação quanto sua rápida disseminação, independentemente de sua veracidade. Assim, o processo de globalização contemporâneo assume múltiplas facetas e repercussões.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma metodologia de ensino de Geografia que propõe discutir a globalização sob a visão miltoniana de fábula, perversidade e possibilidade, conceitos utilizados pelo autor em seu livro para tratar da globalização contemporânea. A proposta consiste na construção, em sala de aula, de um mural com notícias do Ceará, do Brasil e do mundo que representem cada uma dessas facetas, buscando estabelecer uma abordagem contrarracional para o ensino de Geografia.

Metodologicamente, este constructo pautou-se pelo levantamento de notícias que abordassem os assuntos pretendidos, na impressão e construção do mural com as turmas de 3º ano da EEM Júlia Catunda em Santa Quitéria-CE durante os anos de 2022, 2023 e 2024. No que concerne à estruturação do artigo, a primeira etapa consistiu em levantamento bibliográfico em artigos científicos e livros para construção do referencial teórico, bem como nos registros fotográficos das aulas, fornecendo suporte analítico e documental à tessitura do texto.

Este trabalho está dividido em cinco partes: a primeira, esta introdução; a segunda, os procedimentos metodológicos; a terceira, o referencial teórico; a quarta, discussão e resultados e a quinta e última, as considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa deste trabalho consistiu na realização de um levantamento bibliográfico, abrangendo artigos científicos e livros, para embasar a construção do referencial teórico. Paralelamente, foram realizadas pesquisas em sites jornalísticos e plataformas afins, com o objetivo de coletar notícias de diferentes gêneros que se enquadrassem nas facetas da globalização, classificadas como fábula,

perversidade e possibilidade. Após a seleção das notícias, a atividade foi implementada com as turmas do 3º ano da EEM Júlia Catunda nos anos de 2022, 2023 e 2024. Durante esse período, as notícias foram continuamente atualizadas e incorporadas ao processo, garantindo sua relevância e atualidade. Além disso, registros fotográficos das aulas foram utilizados para complementar e enriquecer a elaboração deste texto, oferecendo suporte visual e documental à análise desenvolvida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cabe-nos, aqui, refletir sobre a globalização de maneira direta e, para tanto, faremos uma interpretação desse fenômeno a partir da leitura de Santos (2006; 2020). Segundo esse autor, a globalização tem ganhado maior relevância a partir do período e do meio técnico-científico-informacional:

[...] os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. (SANTOS, 2006, p. 159)

Ainda nesta toada, o autor destaca que, quando os espaços são atingidos pelos tentáculos desse período, passam a atender aos interesses dos atores hegemônicos da cultura, política e da economia, o que confere ao meio técnico-científico-informacional o seu caráter geográfico (Ibidem). O espaço ganha, nesse contexto, verdadeiras próteses e uma capacidade comunicacional com outros lugares jamais vista outrora, permitindo que diferentes atores expandam suas influências, intensifiquem o processo produtivo industrial, aumentem o fluxo de informações, pessoas e mercadorias e promovam, sobretudo, a integração de diferentes culturas. Em contraponto, surgem também desafios como o aumento da dependência tecnológica dos países pobres em relação aos países ricos, crescentes conflitos bélicos, com armas cada vez mais sofisticadas, resultando em inúmeras mortes, inclusive de inocentes ao redor do mundo, além do aumento da xenofobia e do racismo, especialmente contra os latino-americanos, árabes e asiáticos.

O pensamento do professor Milton Santos sobre a globalização é aprofundado no livro *“Por uma outra globalização”*. Nessa obra, o autor destaca que a globalização possui três facetas: a fábula, que representa a forma como nos fazemos acreditar que o mundo é; a perversidade, que reflete como o mundo realmente é; e a possibilidade, que expressa como o mundo pode ser.

Em linhas gerais, nesse livro, o fenômeno da globalização é discutido com ênfase no papel da grande mídia e das grandes corporações no tocante à influência da informação e do dinheiro no mundo globalizado. O autor demonstra como esses dois elementos, juntos, organizam e desorganizam

territórios, aumentam a desigualdade e a extrema pobreza e fortalecem a hegemonia e a influência dos países ricos e das grandes corporações sobre os países pobres. No entanto, Santos também aponta que esses países podem utilizar-se do próprio processo de globalização para enfrentar tais desafios. Ele denomina esse fenômeno de contra racionalidades, definindo-o como “Formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades” (SANTOS, 2020, p. 110).

Com base nessa premissa, o ensino de Geografia ganha especial destaque e relevância ao incorporar as contra racionalidades e contribuir para a transição para o período que Milton Santos denominou de “período popular” (ibidem). Para tanto, é preciso compreender os arranjos que constituem a educação brasileira, considerando seus desafios, possibilidades, incoerências e os atores que dela fizeram e fazem parte.

Nos últimos dez anos, destacam-se duas importantes mudanças na educação brasileira. Em 2020, foi aprovada a nova versão do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), agora de caráter permanente, que tem aumentado gradativamente a contribuição da União no financiamento da educação básica. Paralelamente, foram aprovadas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do Ensino Médio. Embora a BNCC apresente contradições e retrocessos, possui um ponto elogiável: o documento busca, entre outras coisas, promover o protagonismo juvenil por meio de atitudes éticas, valores e do desenvolvimento do pensamento crítico que auxilie no exercício pleno da cidadania (BRASIL, 2018).

Assim, torna-se pertinente abordar o letramento digital na contemporaneidade. Buzato (2006, p. 16) discute o conceito de letramentos, reconhecendo a existência de diversas abordagens sobre o tema. Segundo o autor,

letramentos digitais (LDs) são redes de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente.

Desse modo, a associação entre metodologias ativas e contra racionalidade contribui consideravelmente para o aprendizado na contemporaneidade. Em síntese, as metodologias ativas atribuem maior responsabilidade ao aluno no processo de aprendizagem e formação, posicionando-o como agente principal da construção do conhecimento (SILVA, 2022). Existem diversas metodologias ativas, cujas abordagens se diferenciam e se complementam conforme o objeto de estudo, podendo também serem adaptadas. Entre as mais conhecidas estão: *aprendizagem baseada em projetos*,

estudo de caso, instrução pelos colegas e a sala de aula invertida — esta última, inclusive, é a base da proposta da atividade essencial deste artigo. Segundo Silva (2022, p. 1782):

A sala de aula invertida representa a busca pela inovação e a melhor utilização do tempo e espaço em sala de aula, sendo uma contrapartida à simples reprodução de conteúdos e acúmulo de informações. É um ideário que permite novas práticas, ampliando a disponibilidade de conhecimentos e promovendo a aprendizagem, deixando as aulas mais significativas e dinâmicas, por se configurar como uma abordagem mais participativa e com atividades de reflexão, construção e interação.

No que concerne especificamente ao ensino de Geografia, concordamos com Pereira et al (2019) quando afirmam que uma aula de Geografia sem recursos visuais é um convite à mera memorização de informações e se contrapõe diametralmente à BNCC, por exemplo. Deste modo, “a Geografia deve trazer pra suas aulas a responsabilidade da discussão do conteúdo sobre a globalização, por meio de suas diversas linguagens, com a finalidade de ter um processo de ensino e aprendizado com fomentos para o cotidiano do estudante” (FLORES e TONINI, 2014, p. 362).

Uma das melhores características da Geografia, especialmente da Geografia escolar, trabalhar com e a partir da realidade em que os alunos estão inseridos, utilizando esse artifício como suporte metodológico para os conteúdos, que, por vezes, tem no livro didático sua única fonte de consulta cotidiana. Para Castrogiovanni (1996, p. 97), “o processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re)signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto.” Neste sentido, não se pode falar em contra racionalidade nem considerar que o ensino e o conhecimento sejam neutros. Dessa forma,

Ignorar o caráter ideológico e político do conhecimento, seja em que área for, parece-nos não só uma atitude ingênua, mas comprometida com a alienação social. Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em, principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora. E o ensino da geografia serve para isso. (ALMEIDA, 2015, p. 89)

No entanto, é preciso ter clareza que os conhecimentos prévios dos alunos devem se resumir a pontos de partida e nada além disso, pois há o risco de manter *o status quo* e, assim, perpetuar e ampliar as diferenças sociais, bem como restringir o acesso ao conhecimento institucionalizado àqueles que historicamente sempre o detiveram (ibidem, 2015). O conhecimento adquirido na escola, sobretudo o conhecimento geográfico, tem a obrigação de ser contra racional, pois a escola, enquanto instituição que reproduz as estruturas de poder da sociedade em que está inserida, também deve ser um espaço para a construção da identidade crítica e para a emancipação dos alunos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O Ensino de Geografia desempenha um papel *sine qua non* na construção da identidade social e coletiva dos educandos, além de proporcionar o desenvolvimento pleno no que concerne ao exercício da cidadania. Isso se torna ainda mais relevante ao abordar a Globalização, fenômeno hoje consolidado e que atinge o planeta inteiro de diferentes maneiras, desde a exploração da mão de obra infantil por multinacionais até a influência das grandes corporações midiáticas, como a Meta, que influem diretamente em eleições para atender interesses escusos de seus países de origem sob o pretexto de preservar a liberdade de expressão. Segundo o Prof. Milton Santos:

Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando cada vez mais periférica, seja porque não dispõe dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle. O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. (SANTOS, 2020, p. 39)

Eis o contraponto da metodologia discutida neste artigo. Essa e outras facetas devem ser desveladas pela Geografia escolar em suas abordagens. Nesse sentido, a proposta metodológica discutida neste trabalho desempenha um papel relevante, pois, quando aplicada de maneira qualitativa e assimilada pelos estudantes, contribui para desconstruir uma visão colonialista e negadora de direitos, ao relacionar acontecimentos históricos e suas implicações com os eventos contemporâneos (TINO; FERREIRA, 2021)

Para tanto, este trabalho pautou-se no levantamento de notícias que abordassem a globalização sob três perspectivas: fábula, perversidade e possibilidade. Posteriormente, essas notícias foram impressas. Em sala de aula, após a explanação do conteúdo sobre globalização nas aulas anteriores, procedeu-se à distribuição dessas notícias, impressas em folhas de papel, sobre as mesas. O quadro foi dividido em três partes — Fábula, Perversidade e Possibilidade — e os alunos do 3º ano da EEM Júlia Catunda foram convidados a se reunir ao redor da mesa, escolher uma notícia, lê-la para os colegas, classificá-la em uma das três categorias e posicioná-la no quadro. Após a classificação de todas as notícias, o mural da globalização estava concluído. As figuras 1, 2 e 3 ilustram a execução da atividade.

Figuras 1, 2 e 3: Registros fotográficos da atividade “O mural da globalização” na EEM Júlia Catunda.



Fonte: Arquivo pessoal.

A atividade, sempre que aplicada, provocou reflexões entre os alunos do 3º ano, especialmente ao analisarem o meio técnico-científico-informacional sob o prisma da grande e da pequena mídia na cobertura de diferentes assuntos. Cada notícia, ao ser lida, despertava reações diversas entre os alunos — ora um olhar de desconfiança, pelo receio de errar a classificação, ora um impacto direto causado pelo conteúdo da notícia.

As discussões ocorriam de maneira respeitosa, mas sempre havendo contrapontos e argumentações sobre o enquadramento correto das notícias. Para exemplificar, três notícias utilizadas na atividade foram escolhidas para este ensaio, por terem gerado discussões intensas e fundamentadas.

A primeira delas refere-se a uma reportagem publicada pelo site *UOL notícias* que tratava de uma declaração da Ex-Ministra da Agricultura do Governo Jair Bolsonaro, Tereza Cristina³. Na ocasião, a então ministra de estado durante uma fala na Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara Federal em 2019, disse que “Não passamos muita fome porque temos manga em nossas cidades”.

Ao ler essa notícia, era perceptível a reação dos alunos, muitos deles convivendo com a insegurança alimentar em suas próprias residências. Enquanto alguns esboçavam um sorriso irônico, outros demonstravam indignação visível em suas expressões faciais. Quase todos classificaram corretamente a notícia como uma fábula, também fosse possível enquadrá-la como perversidade, dada a gravidade do contexto da fala da ministra.

A segunda notícia abordava o caso de uma vendedora ambulante no estado do Tocantins.⁴ Na ocasião, o Athletico Paranaense postou, em sua conta na antiga rede social *Twitter* (atualmente X), imagens do entorno do estádio Ribeirão. Em uma dessas imagens, aparecia a vendedora de lanches, Iane Maria de Sousa, com sua barraca improvisada e suas isopores, acompanhados da descrição dos produtos e da chave PIX para pagamentos. Imediatamente, torcedores atleticanos começaram a fazer doações, e ao final a vendedora arrecadou R\$ 23.000,00.

Ao ser lida para a turma, essa notícia foi rapidamente interpretada como um exemplo da globalização enquanto possibilidade de construção de um mundo melhor, ao conectar uma trabalhadora, em busca de seu sustento, a uma rede de solidariedade proporcionada pela internet e pelo sistema bancário digital.

No que se refere a face perversa da globalização, dentre as notícias escolhidas, certamente a que melhor traduzia a perversidade da globalização foi aquela veiculada pelo *G1* outubro de 2021, mostrando moradores de Fortaleza coletando comida em um caminhão de lixo⁵. De acordo com a Agência IBGE, em 2021 a produção agrícola brasileira atingiu o montante de 743,3 Bilhões de reais⁶. Essa reportagem escancarou a profunda e grave desigualdade social e econômica no Brasil: de um lado,

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/04/09/brasileiros-nao-passam-fome-porque-tem-mangas-nas-cidades-diz-ministra.htm>. Acesso em: 10. Jan. 2025.

⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/blogs/blog-da-nadja/post/2022/04/21/dona-iane-a-sensacao-de-viagem-do-athletico-a-tocantinopolis-na-copa-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 10. Jan. 2025.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/18/moradores-coletam-comida-em-caminhao-de-lixo-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em: 10. Jan. 2025.

⁶ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34943-valor-de-producao-bate-recorde-mas-safra-2021-nao-supera-ano-anterior#:~:text=Valor%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20agr%C3%ADcola%20no,0%2C4%25%20em%202021.>

Acesso em: 10. Jan. 2025.

uma produção agropecuária bilionária, que atinge a casa dos 700 bilhões de reais; de outro, pequenos produtores e uma população sujeita à insegurança alimentar e à extrema pobreza no mesmo país.

As matérias destacadas ilustram de maneira telegráfica e superficial a atividade proposta, tanto devido ao espaço disponível na tessitura do texto quanto propositalmente, a fim de evitar redundâncias e tornar a leitura mais fluida. Além disso, essa atividade pode ser adaptada e aprimorada pelo professor de Geografia, conforme sua escolha e o contexto em que será aplicada, o que, evidentemente, dependerá de sua rigorosidade metódica e de sua capacidade de perceber o mundo.

O intuito principal é a proposição de uma atividade já aplicada, utilizando-se de recursos tradicionais, como o papel, o pincel e o quadro branco. Todavia, essa abordagem busca trabalhar a globalização de maneira crítica, evidenciando seus prós e contras, coerências e incoerências, sem se prender estritamente ao conteúdo do livro didático. Segundo Pereira et al. (2019, p. 7):

Um dos desafios da escola contemporânea constitui-se em selecionar e transformar a enxurrada de informações que se encontra disponível, de maneira desorganizada e fragmentada nos meios digitais, em conhecimento. Para tal são necessárias mudanças significativas nos processos educativos na escola como um todo, incluindo metodologia de ensino, espaço físico, mudança das práticas dos professores, diretores e também dos governos que dão o suporte financeiro para que realmente se efetivem.

Nesse sentido, é fundamental trabalhar a temática da globalização de forma crítica. Concordamos com Pereira et al. (2021, p. 40), quando afirmam que: “Dar condições para o desenvolvimento dos estudantes é uma alternativa importante que estão imbuídas nas metodologias ativas. No entanto, não basta apenas ser lúdico, é necessário que as atividades desenvolvam nos sujeitos a autonomia e responsabilidade para o exercício da cidadania.”

O parágrafo III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (Lei N° 9.394/1996), destaca que uma das finalidades do Ensino Médio é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;” (BRASIL, 2023, p. 27). É justamente isso que se propõe aqui, indo além do uso da sala de aula invertida, metodologia na qual o professor assume o papel de mediador do processo de aprendizagem.

O grande mote desta atividade é a construção de um aprendizado crítico e participativo, que prepare os alunos para o exercício pleno de sua cidadania e os torne agentes responsáveis pelas mudanças necessárias na sociedade. Isso ocorre à medida que desenvolvem consciência da realidade que o circunda e compreendem o papel da mídia no mundo contemporâneo, bem como sua capacidade de influenciar decisões. Tal processo exige que os alunos sejam capazes de distinguir entre o que é verdadeiro e falso, especialmente em um contexto de proliferação de fake news — uma das características da contemporaneidade e da globalização em seu atual estágio, em que os fluxos de informação são consideravelmente altos e diversos. O que se pretende é que o conhecimento adquirido

na escola auxilie os estudantes a diferenciar opinião de fato em relação a diversos temas. Dessa forma, contribuímos, a partir do ensino de Geografia, para os letramentos digitais, conceito já abordado por Buzato (2006) neste constructo.

No entanto, esta tarefa exige esforços hercúleos, Freire (2018, p. 51-52) nos relata que “ao fazer-se oprimida, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca”. A produção de uma contra racionalidade em um sistema que trata as ciências humanas como desnecessárias, ou até mesmo perigosas, por possibilitarem a consciência de opressão e o desejo de libertação, é deveras indispensável. O ensino de Geografia deve estar intrinsecamente ligado a esse propósito, pois, além de sua essência, ele pode fomentar a solidariedade necessária para a emancipação do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia tem um compromisso incontornável com a discussão sobre a globalização e seus impactos nas sociedades ao redor do planeta, sobretudo quando se ensina a partir da perspectiva dos países do Sul Global, como o Brasil. No entanto, ensinar Geografia tem sido uma tarefa árdua ao longo do tempo, seja pelo desinteresse dos alunos, pela associação do conhecimento geográfico a uma mera memorização de informações ou à ideia de que se trata de uma disciplina secundária no contexto escolar da Educação Básica, seja pelos problemas estruturais da educação, agravados pela omissão do Estado — como a falta de infraestrutura nas escolas, a defasagem salarial decorrente da negação de direitos adquiridos e a precarização dos vínculos empregatícios, que não garantem estabilidade profissional aos docentes.

Diante desse cenário, é fundamental que a Geografia escolar desenvolva estratégias contra racionais para a construção de um aprendizado significativo, garantindo que cumpra sua responsabilidade e compromisso de formar cidadãos críticos e participativos na sociedade. Para além de uma proposta de ensino, este trabalho procurou discutir a globalização em suas diferentes facetas, mostrando que o ensino de Geografia pode ser potencializador de ações solidárias e contributivo para uma sociedade melhor.

Não se pretende aqui estabelecer um único estratégia para a discussão da globalização sob o prisma miltoniano, mas sim contribuir de maneira efetiva para a dinamização do ensino de Geografia no contexto do século XXI. Esse cenário exige cada vez mais habilidades do professor para articular o conhecimento científico às práticas pedagógicas cotidianas, sem que o primeiro se perca no

processo e sem que o conteúdo transmitido aos alunos seja esvaziado de seu caráter crítico. Esse é o papel da Geografia. Aproveitemo-lo!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela. Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, [S. l.], n. 8, 2015. p. 83-90.
- BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 7. ed. – Brasília, DF.: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BUZATO, M. E. K. **Letramento e Inclusão na Era da Linguagem Digital**. IEL/UNICAMP, 2006. Mimeo.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização? **Boletim Gaúcho de Geografia**, 21. ago., 1996. p. 95-97.
- FLORES, Simone da Silva; TONINI, Ivaine Maria. Das fábulas, perversidades e outras possibilidades: a globalização nos livros didáticos de geografia. **Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia Florianópolis**, v. 1, n. 1, out. 2014. p. 359-372.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed.-Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- PEREIRA, A. M. de O., KUENZER, A. Z., & TEIXEIRA, A. C. Metodologias ativas nas aulas de Geografia no Ensino Médio como estímulo ao protagonismo juvenil. **Educação**, 44, e73, 2021. p. 1–23.
- PEREIRA, M. M; SOUSA, S. R. C. T; MEDEIROS, T. C; BISPO, C. O. O uso de metodologias ativas para uma aprendizagem significativa no ensino de geografia. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 8, n. 16, nov. 2019. p. 37-52.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1). .
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 30º ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. 174 p.
- SILVA, Cláudia M. B. Sala de aula invertida: um estudo sobre as mudanças e os impactos para o processo de aprendizagem. E-book VII CONEDU 2021 - Vol 03... Campina Grande: Realize Editora, 2022. p. 1780-1799.
- TINO, Maria Janete Sanches & FERREIRA, Evaldo. Decolonização do ensino de Geografia. In: **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Maio/Set., vol. 1, n. 8, 2021. p. 37-44.